



ARTIGO ORIGINAL

DOR E ADOECIMENTO ENTRE A EQUIPE DE ENFERMAGEM

PAIN AND DISEASE AMONG THE NURSING TEAM

DOLOR Y ENFERMEDAD ENTRE EL EQUIPO DE ENFERMERÍA

Vitória de Barros Siqueira¹, Aislany Warlla Nunes Luna², Danielly Coelho de Melo³, Lana Quele Pereira da Silva⁴, Mariana Pereira Gama⁵, Monica Larissa do Nascimento Paes Oliveira⁶

RESUMO

Objetivo: verificar a prevalência de dor e adoecimento relacionados à atividade laboral e referidos pela equipe de enfermagem. **Método:** trata-se de um estudo quantitativo, analítico, de corte transversal realizado com 202 técnicos de enfermagem e enfermeiros assistenciais. Coletaram-se os dados por meio de questionário semiestruturado auto aplicado. Realizou-se a análise bivariada dos dados. Avaliou-se a significância estatística por meio do IC 95% e do teste Qui-quadrado. **Resultados:** identificou-se prevalência de 69,3% de relato de dor e de 34,2% de adoecimento relacionado à atividade laboral, destacando-se a lombalgia crônica e as varizes; houve prevalência de 19,3% de ansiedade entre os entrevistados e estes apresentaram 20 vezes mais chances de relatar dores. **Conclusão:** conclui-se que dor e adoecimento são muito prevalentes nos profissionais de enfermagem e parecem ser inerentes às características da atividade exercida e do processo de trabalho, e a discussão desses problemas é de grande relevância para a Enfermagem e para os gestores de serviços de saúde. **Descritores:** Equipe de Enfermagem; Saúde do Trabalhador; Morbidade; Ansiedade; Prevalência; Dor Lombar.

ABSTRACT

Objective: to verify the prevalence of pain and illness related to work activity and referred by the nursing team. **Method:** this is a quantitative, analytical, cross-sectional study conducted with 202 nursing technicians and nursing assistants. Data was collected using a self-administered semi-structured questionnaire. Bivariate data analysis was performed. Statistical significance was assessed using the 95% CI and the chi-square test. **Results:** a prevalence of 69.3% of reports of pain and 34.2% of illness related to work activity was identified, with emphasis on chronic low back pain and varicose veins; there was a 19.3% prevalence of anxiety among the interviewees and they were 20 times more likely to report pain. **Conclusion:** it is concluded that pain and illness are very prevalent in Nursing professionals and seem to be inherent to the characteristics of the activity performed and the work process, and the discussion of these problems is of great relevance for Nursing and healthcare service managers. **Descriptors:** Nursing, Team; Occupational Health; Morbidity; Anxiety; Prevalence; Low Back Pain.

RESUMEN

Objetivo: verificar la prevalencia de dolor y enfermedad relacionados con la actividad laboral y referidos por el equipo de enfermería. **Método:** se trata de un estudio cuantitativo, analítico, transversal realizado con 202 técnicos de enfermería y auxiliares de enfermería. Los datos fueron recolectados usando un cuestionario semiestructurado autoadministrado. Se realizó un análisis de datos bivariados. La significación estadística se evaluó utilizando el IC del 95% y la prueba de chi-cuadrado. **Resultados:** se identificó una prevalencia del 69,3% de los informes de dolor y del 34,2% de enfermedades relacionadas con la actividad laboral, con énfasis en el dolor lumbar crónico y las venas varicosas; hubo una prevalencia de ansiedad del 19,3% entre los entrevistados y tenían 20 veces más probabilidades de informar el dolor. **Conclusión:** se concluye que el dolor y la enfermedad son muy frecuentes en los profesionales de enfermería y parecen ser inherentes a las características de la actividad realizada y el proceso de trabajo, y la discusión de estos problemas es de gran relevancia para la enfermería y los gerentes de servicios de salud. **Descriptores:** Grupo de Enfermeira; Salud Laboral; Morbilidad; Ansiedad; Prevalencia; Dor de la Región Lumbar.

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF. Petrolina (PE), Brasil. ¹<https://orcid.org/0000-0001-5133-1959> ²<https://orcid.org/0000-0003-3798-2805> ³<https://orcid.org/0000-0002-3471-4947> ⁴<https://orcid.org/0000-0001-6187-2118> ⁵<https://orcid.org/0000-0002-9100-7325> ⁶<https://orcid.org/0000-0001-8427-4487>

Como citar este artigo

Siqueira VB, Luna AWN, Melo DC de, Silva LQP da, Gama MP, Oliveira MLNP de. Dor e adoecimento entre a equipe de enfermagem. Rev enferm UFPE on line. 2020;14:e244210 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.244210>

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o Brasil possui um contingente de 3,5 milhões de profissionais de saúde e, destes, mais da metade é composta por profissionais de Enfermagem.¹ Informa-se que a equipe de Enfermagem atua nos três níveis de atenção à saúde, porém, o hospital continua sendo o maior empregador destes profissionais², local onde prestam assistência 24 horas por dia.³

Marca-se o processo de trabalho da equipe de Enfermagem no ambiente hospitalar pelas exposições a riscos ocupacionais, ergonômicos, biológicos, químicos e físicos,² envolvendo atividades desgastantes e estressantes, que exigem constantes habilidades manuais e psicossociais, com constante cobrança de responsabilidades⁴ e enfrentamento de situações de alta variabilidade⁵. Observa-se que este complexo trabalho pode ocasionar o adoecimento e comprometimento da qualidade de vida dos trabalhadores.^{2,6}

Culmina-se a complexidade das atividades, que envolvem contato contínuo com o cliente e a família, em elevado desgaste e carga de trabalho, sendo os profissionais de Enfermagem os que apresentam maiores índices de acidentes e adoecimento relacionados ao trabalho entre as demais categorias da saúde.⁷

Revela-se que os problemas de saúde mais comumente relatados pelos profissionais de Enfermagem são varizes, lombalgias e dores musculares crônicas, muito relacionados ao esforço físico e ao ritmo de trabalho acelerado, que produzem fadiga, além do estresse e depressão.⁸

Acrescenta-se que a dor e o desconforto causados pela atividade laboral podem ocasionar a diminuição da capacidade para o trabalho, afetando o relacionamento interpessoal e comprometendo a qualidade da assistência prestada.⁵

Faz-se mister, dessa forma, aprofundar as discussões sobre a saúde dos trabalhadores de Enfermagem para subsidiar melhorias nas condições de trabalho destes profissionais.

OBJETIVO

- Verificar a prevalência de dor e adoecimento relacionados à atividade laboral e referidos pela equipe de enfermagem.

MÉTODO

Trata-se de um estudo quantitativo, analítico, de corte transversal. Constitui-se a população do estudo pelos técnicos de enfermagem e enfermeiros assistenciais dos três turnos dos setores de clínica médica, clínica cirúrgica, clínica ortopédica, sala de medicação, sala de

observação, sala amarela e UTI de um Hospital Universitário (HU).

Consideraram-se como critério de inclusão atuar na Enfermagem há, pelo menos, seis meses e como critério de exclusão não estar no HU durante o período da coleta de dados devido a férias ou licença. Coletaram-se os dados de novembro de 2017 a junho de 2018.

Levantaram-se os dados por meio de aplicação de questionário semiestruturado autoaplicado apresentando questões relacionadas ao perfil sociodemográfico, características do trabalho, presença e caracterização de sintomas de ansiedade, relato de dor e acometimento por morbidades relacionadas à atividade laboral.

Detalha-se que as variáveis sociodemográficas utilizadas compreenderam: sexo (dicotomizada, masculino e feminino); idade (em anos completos, contínua); renda mensal (em reais, contínua) e prática de exercícios físicos (dicotomizada, sim ou não).

Utilizaram-se, em relação ao trabalho, as variáveis tempo de atuação na Enfermagem (em anos, contínua), categoria profissional (dicotomizada, enfermeiro e técnico de Enfermagem), possui mais de um emprego (dicotomizada, sim ou não), carga horária semanal de trabalho (dicotomizada), até 36 horas e mais de 36 horas.

Avaliaram-se a presença e a caracterização da ansiedade por meio do Inventário de Ansiedade de Beck (BAI). Consideraram-se, em relação ao BAI, os escores de zero a sete pontos na escala nível de ansiedade como mínimo; leve de oito a 15; moderado de 16 a 25 e grave de 26 a 63 pontos. Explica-se que, para este estudo, essa variável foi dicotomizada: até sete pontos, sem sinais de ansiedade e acima de oito pontos com sinais de ansiedade.

Determinou-se relato de dor e desconforto durante a rotina de trabalho como variável dicotomizada (sim ou não) e, dentre os profissionais que relataram dor, alguns informaram mais de uma localização; já o relato de aquisição de alguma morbidade relacionada à atividade laboral teve variável dicotomizada (sim ou não) e também houve casos de mais de uma morbidade relatada.

Analisaram-se as variáveis qualitativas de forma descritiva em suas frequências absolutas e relativas.

Realizou-se, a fim de testar a normalidade das variáveis, o teste de Kolmogorov-Sminoff, apresentando os dados normais (renda mensal) como médias e desvio-padrão e os não normais (idade e tempo de atuação na Enfermagem) como mediana e intervalo interquartil (IQ 25%-75%).

Empregou-se o teste não paramétrico U de Mann-Whitney para comparar as medianas de idade e tempo de atuação na Enfermagem dos

grupos com e sem relato de dor e com e sem aquisição de morbidade relacionada à atividade laboral.

Realizou-se a análise bivariada com o intuito de averiguar a associação entre as variáveis independentes categóricas sexo, prática de exercícios, categoria profissional, possuir outro emprego, carga horária semanal e presença de sintomas de ansiedade com as dependentes relato de dor e relato de morbidade (separadamente). Acrescenta-se que a medida de associação utilizada foi a razão de prevalência (RP). Avaliou-se a significância estatística por meio do IC95% e o teste qui-quadrado.

Utilizou-se o modelo de regressão logística como forma de verificar fatores associados ao aumento da chance de relato de dor durante a rotina de trabalho. Consideraram-se, para apresentação do *odds ratio* (OR) ajustado, as variáveis com valor de *p* > que 0,20 na análise bivariada (categoria profissional, outro vínculo e sinais de ansiedade) e no modelo também foi incluída a variável carga horária.

Tabularam-se os dados por meio do *software* Epi info 7.02, tratando-os no programa estatístico SPSS. Aprovou-se o projeto pelo Comitê de Ética

da UNIVASF sob o CAAE: 69694017.6.0000.5196. Assinou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da aplicação dos questionários por todos os participantes.

RESULTADOS

Revela-se que responderam ao questionário 202 profissionais: 147 técnicos em Enfermagem, com mediana de idade de 36 anos (IQ 30-44), e 55 enfermeiros, com mediana de idade de 32 anos (IQ 29,75-37), e a maioria dos profissionais era do sexo feminino (84,2%), tendo mediana de nove anos atuando na Enfermagem (IQ 5-15).

Apresentou-se, pelos técnicos de Enfermagem, média salarial de R\$4057,51 (DP ± 2093 IC95% 3616,62-4498,91) e os enfermeiros tiveram média de R\$7542,18 (DP ± 3028,48 IC95% 6621,43-8462,92).

Detalha-se que, dos entrevistados, 69,3% (n=140) declararam sentir algum dor e 34,2% (69) afirmaram ter adquirido alguma doença relacionada à sua atividade laboral; os sítios de dor mais relatados foram a região lombar e os membros inferiores e foram referidas 15 morbidades, sendo a lombalgia crônica e as varizes as mais prevalentes (Tabela 1).

Tabela 1. Localização da dor e morbidades relacionadas à atividade laboral autorreferidas por profissionais de Enfermagem. Petrolina (PE), Brasil, 2020.

Variáveis (N=140)	n	%
Localização da dor (N=140)		
Coluna lombar	73	52,14
Músculos	9	6,42
Membros inferiores	45	32,14
Gastrointestinal	2	1,42
Coluna cervical	8	5,71
Cabeça	17	12,14
Membros superiores	3	2,14
Morbidade referida (N=69)		
Depressão	1	1,44
Diabetes	2	2,89
Dores crônicas em membros inferiores	5	7,24
Dores crônicas em membros superiores	4	5,79
Enxaqueca	1	1,44
Gastrite	3	4,34
Hérnia de disco	4	5,79
Hérnia umbilical	1	1,44
Hipertensão arterial	5	7,24
Infecção de vias aéreas	5	7,24
Infecção urinária	2	2,89
Infecções cutâneas	4	5,79
Insônia	2	2,89
Lombalgia crônica	22	31,88
Varizes	12	17,39

Observou-se que a mediana de idade dos profissionais que relatam dor (33 anos) é menor do que entre os que não relatam esse desfecho e essa diferença apresenta significância estatística

(*p*=0,032), no entanto, tanto a idade quanto o tempo de atuação na Enfermagem são maiores entre os profissionais que relatam adoecimento relacionado à sua atividade laboral (Tabela 2).

Tabela 2. Relação da idade mediana e do tempo de atuação na Enfermagem a autorreferência de dor e morbidades relacionadas à atividade laboral. Petrolina (PE), Brasil, 2020.

Variáveis	Sim	Não	p
Relato de dor			
Idade (mediana)	33 (IQ 30-40)	36 (IQ 31-45)	0,032
Tempo de Enfermagem (mediana)	9 (IQ 5-15)	10 (IQ 6-18)	0,280
Adoecimento relacionado à atividade laboral			
Idade (mediana)	36,5 (IQ 30-42,75)	33 (IQ 30-40)	0,076
Tempo de Enfermagem (mediana)	10 (IQ 6-17,25)	9 (IQ 5-12)	0,143

P - Teste de Mann-Whitney IQ -intervalo interquartilico

Destaca-se que, dos entrevistados, 51,3% realizam exercícios físicos regularmente, 68,81% possuem apenas um vínculo trabalhista e 71,78% cumprem uma carga horária semanal de até 36 horas.

Pontua-se que as variáveis relacionadas ao sexo, prática de exercícios, possuir outro vínculo empregatício, carga horária semanal maior que 36 horas não se apresentaram estatisticamente significantes quanto ao relato de dor ou adoecimento relacionado à atividade laboral.

Acredita-se que há uma maior probabilidade de os enfermeiros referirem dor (RP 1,225 IC95% 1,026-) em relação aos técnicos de Enfermagem e, dos 202 entrevistados, 39 (19,30%) apresentaram sintomas de ansiedade de leve a grave. Aumenta-se, na apresentação de sinais de ansiedade, a probabilidade de referir dor (1,55 IC95% 1,36-1,77) e de acometimento por morbidades relacionadas à atividade laboral (2,189 IC95% 1,542-3,109) (Tabela 3).

Tabela 3. Relação de características dos profissionais de Enfermagem com a autorreferência de dor e morbidades relacionadas à atividade laboral. Petrolina (PE), Brasil, 2020.

	Dor				Adoecimento			
	Sim	Não	P	RP (IC 95%)	Sim	Não	P	RP (IC)
Sexo								
Feminino	117	53	0,893	0,95 (0,75-1,21)	62	107	0,227	1,57 (0,798-3,09)
Masculino	23	9			7	23		
Prática de exercícios								
Sim	73	31	0,898	0,97 (0,81-1,17)	33	62	1	1,004 (0,68-1,47)
Não	67	31			36	68		
Categoria profissional								
Enfermeiro	44	11	0,065	1,225 (1,026-1,462)	49	96	0,795	1,096 (0,723-1,661)
Técnico	96	51			20	34		
Possui outro emprego								
Sim	38	25	0,089	0,82 (0,65-1,02)	27	34	0,084	1,454 (0,996-2,123)
Não	102	37			42	96		
Carga horária semanal								
>36	29	18	0,266	0,86 (0,67- 1,10)	14	31	0,726	0,878 (0,539-1,430)
Até 36h	104	41			51	93		
Sintomas de ansiedade								
Sim	38	1	<0,005	1,55 (1,36-1,77)	23	14	<0,005	2,189 (1,542 3,109)
Não	102	61			46	116		

p-qui-quadrado RP - Razão de prevalência IC 95% Intervalo de confiança

Permaneceu-se, após a análise multivariada, a variável sintomas de ansiedade estatisticamente significativa, e profissionais com estes sintomas apresentam 20 vezes mais chances de relatar dores. Acrescenta-se que as demais variáveis

apresentadas no modelo, como categoria profissional, possuir outro emprego e carga horária semanal, não apresentaram relação significativa com aumento ou diminuição das chances de referir dor (Tabela 4).

Tabela 4. Regressão Logística para os fatores que influenciam a referência de dor pelos profissionais de Enfermagem. Petrolina (PE), Brasil, 2020.

Relato Positivo de dor	OR Ajustado	P	IC95%
Categoria Profissional			
Enfermeiro	1,639	0,222	0,742-3,620
Técnico em Enfermagem	1		
Possui outro emprego			
Sim	1		
Não	0,622	0,193	0,304-1,272
Carga horária semanal			
Até 36h	1,376	0,410	0,643-2,943
Maior que 36h	1		
Sintomas de ansiedade			
Sim	20,669	0,003	2,720-157,037
Não	1		

DISCUSSÃO

Entrevistaram-se 202 técnicos de Enfermagem e enfermeiros, e aqueles apresentaram mediana de idade maior que estes, tendo, em média, nove anos de atuação na Enfermagem. Lembra-se que a maioria dos entrevistados era do sexo feminino.

Encontraram-se resultados semelhantes em outros hospitais de grande porte brasileiros. Liga-se o predomínio dos profissionais do sexo feminino estreitamente à construção histórica da profissão, e as médias de idade apresentadas nos estudos contemplam o período mais produtivo dos adultos que estão incluídos no mercado de trabalho.^{1,9}

Apresentou-se, pelos entrevistados, média salarial maior que a média nacional,¹ e é provável que este achado esteja relacionado ao número menor de profissionais com mais de um vínculo, situação inversa à da maioria dos profissionais de Enfermagem do Brasil.

Eleva-se, pelas duplas jornadas enfrentadas para a melhoria da renda, o tempo de exposição dos profissionais aos riscos existentes no hospital,⁴ e salários melhores permitem que os profissionais trabalhem menos horas durante a semana, podendo, teoricamente, cuidar melhor de sua saúde.

Relatou-se, mesmo assim, por 69,3% dos entrevistados, sentir alguma dor ou desconforto principalmente na região lombar e membros inferiores. Identificou-se, em estudo realizado em um hospital no Sul do Brasil, prevalência de 96,6% de dor em, pelo menos, uma das partes corporais nos últimos 12 meses em profissionais de Enfermagem assistenciais.¹⁰

Entende-se que as prevalências encontradas nos dois estudos são muito altas, porém apresentam diferenças que podem estar relacionadas à discrepância salarial entre os dois hospitais.

Pontua-se que, mesmo apresentando diferenças salariais, de carga horária de trabalho e mesmo de país, as dores estão presentes e são inerentes ao processo de trabalho da Enfermagem.¹¹⁻³

Informou-se, entre os profissionais entrevistados, por 34,2%, ter adquirido alguma doença relacionada ao trabalho, sendo as varizes e a lombalgia crônica as mais prevalentes.

Infere-se que características do trabalho referidas pelos profissionais e registradas na literatura, como permanecer na mesma posição por longos períodos, realizar atividades repetitivas, esforço físico e dispêndio de energia ao assumir posições corporais inadequadas e levantamento de peso ao mobilizar pacientes além das funções, são as causas para tais acometimentos.^{2,5,11-2}

Relatou-se mais dor por profissionais com medianas menores de idade, no entanto, os profissionais com maiores medianas de idade relataram mais adoecimento. Acredita-se que, quanto mais tempo exercendo as atividades da Enfermagem, somado ao desgaste ocasionado pela idade, maior a prevalência de adoecimento.

Indicou-se, por estudo realizado no Triângulo Mineiro sobre capacidade funcional dos profissionais de Enfermagem, a variável idade como contribuinte no processo de comprometimento da saúde do trabalhador, e a partir dos 40 anos o declínio funcional torna-se mais intenso, embora pessoas mais jovens também estejam expostas a vulnerabilidades que favorecem o adoecimento e, conseqüentemente, ao relato de dor.⁹

Observa-se que houve uma maior probabilidade de os enfermeiros referirem dor que os técnicos de Enfermagem, no entanto, estudo realizado com o objetivo de analisar os distúrbios musculoesqueléticos na equipe de Enfermagem não observou diferenças significativas na dor em relação ao perfil profissional.¹³

Torna-se importante salientar que tanto os técnicos como os enfermeiros estão expostos aos riscos físicos e biomecânicos em função da assistência direta ao paciente e em alguns serviços, talvez, os técnicos estejam mais expostos a este risco que os enfermeiros, no entanto, os enfermeiros estão mais expostos aos fatores psicossociais e de demanda cognitiva, pois atuam diretamente nas funções administrativas do setor, sendo responsáveis tanto pela realização do seu trabalho como pela supervisão do trabalho dos demais membros da equipe.^{2,13}

Constata-se que houve prevalência de 19,30% de sintomas de ansiedade e poucos profissionais

relataram adoecimento mental relacionado ao trabalho, relato que pode estar aquém da realidade e, dos 54 profissionais da equipe de Enfermagem de uma unidade de cuidados paliativos, cerca de um terço tinha sintomas de ansiedade e depressão.¹⁴ Podem-se relacionar tais diferenças às diferenças entre os métodos de apreensão da condição pelos diversos estudos, esbarrando na dificuldade das pessoas em admitir adoecimentos de ordem mental.

Evidenciou-se aumento significativo na probabilidade de referir dor e acometimento por morbidades relacionadas à atividade laboral entre os profissionais que apresentaram sinais de ansiedade de leve a grave.

Alerta-se que profissionais de Enfermagem que apresentam distúrbios psíquicos menores como a ansiedade têm mais chances de adoecimento e de redução da capacidade para o trabalho¹⁵ e profissionais de Enfermagem com a saúde geral boa tendem a apresentar melhor saúde mental.¹⁶

Podem-se citar como limitações deste estudo o desenho transversal, a natureza de autorrelato das informações colhidas e a coleta de dados apenas entre profissionais de um único hospital universitário, com características salariais e de carga horária diferentes das médias nacionais, o que impossibilita as generalizações. Percebe-se, no entanto, ao discutir os dados com a literatura, inclusive internacional, que os resultados demonstram que a dor e adoecimento são inerentes às atividades exercidas pelos profissionais.

Acredita-se que o trabalho tem sua relevância ao fazer o levantamento das morbidades mais referidas pelos profissionais de Enfermagem e levantar a prevalência da dor referida por estes, sendo de grande interesse para a Enfermagem e para os gestores dos serviços de saúde.

CONCLUSÃO

Identificou-se prevalência de 69,3% de dor referida, sendo os sítios mais apontados a região lombar e os membros inferiores. Verificou-se prevalência de 34,2% de acometimento por morbidades relacionadas ao trabalho, destacando-se a lombalgia crônica e as varizes. Revela-se que tanto a idade quanto o tempo de atuação na Enfermagem são maiores entre os profissionais que relatam adoecimento relacionado à sua atividade laboral, e houve prevalência de 19,3% de ansiedade entre os entrevistados e estes apresentaram 20 vezes mais chances de relatar dores.

Percebe-se que dor e adoecimento são muito prevalentes nos profissionais de Enfermagem e parecem ser inerentes às características da atividade exercida e do processo de trabalho. Torna-se, logo, para a melhora das condições de saúde destes profissionais, imprescindível repensar

as condições salariais e a diminuição da carga horária, permitindo a recuperação destes profissionais entre uma jornada de trabalho e outra e o maior distanciamento das exposições aos fatores de risco.

Conclui-se que a Enfermagem é imprescindível para o cuidado da saúde da população, porém, para bem cuidar, os profissionais devem estar saudáveis e satisfeitos com o seu trabalho.

CONTRIBUIÇÕES

Informa-se que todos os autores contribuíram igualmente na concepção do projeto de pesquisa, coleta, análise e discussão dos dados, bem como na redação e revisão crítica do conteúdo com contribuição intelectual, e, na aprovação da versão final do estudo.

CONFLITO DE INTERESSES

Nada a declarar.

REFERÊNCIAS

1. Machado MH, Oliveira E, Lemos W, Lacerda WF, Aguiar Filho W, Wermelinger M, et al. Mercado de trabalho da Enfermagem: aspectos gerais. *Enferm Foco*. 2015; 6(1/4):43-78. DOI: [10.21675/2357-707X.2016.v7.nESP.691](https://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.nESP.691)
2. Baptista ATP, Souza NVDO, Gallasch CH, Varella TCML, Noronha IR. Illness among nursing workers in the hospital context. *Rev Enferm UERJ*. 2018; 26:e31170. DOI: [10.12957/reuerj.2018.31170](https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.31170)
3. Felli VEA. Nursing working condition and sickness: reasons why to reduce the work journey to 30 hours. *Enferm Foco*. 2012; 3(4):178-81. DOI: [10.21675/2357-707X.2012.v3.n4.379](https://doi.org/10.21675/2357-707X.2012.v3.n4.379)
4. Amaral JF, Ribeiro JP, Paixão DX. Quality of life at work of nursing professionals in hospitals: an integrated review. *Espaç saúde [Internet]*. 2015 Jan/Mar [cited 2020 Feb 15]; 16(1):66-74. Available from: http://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/419/pdf_64
5. Vieira MLC, Oliveira EB, Souza NVDO, Lisboa MTL, Progiante JM. Nursing presenteeism: repercussions on workers' health and patient safety. *Rev Enferm UERJ*. 2018; 26:1-6. DOI: [10.12957/reuerj.2018.31107](https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.31107)
6. Ruiz-Fernández MD, Ortega-Galan AM, Fernandez-Sola C, Hernandez-Padilha JM, Granero-Molina J, Ramos-Pichardo JDR. Occupational factors associated with health-related quality of Life in nursing professionals: a multi-centre study. *Int J Environ Res Public Health*. 2020 Feb; 17(3):E982. DOI: [10.3390/ijerph17030982](https://doi.org/10.3390/ijerph17030982)
7. Sousa KHJF, Gonçalves TS, Silva MB, Soares ECF, Nogueira MLF, Zeitoune RCG. Risks of illness in the work of the nursing team in a psychiatric

hospital. Rev Latino-Am Enfermagem. 2018 Aug; 26:e3032. DOI: [10.1590/1518-8345.2458.3032](https://doi.org/10.1590/1518-8345.2458.3032)

8. Feitosa KVA, Araújo Filho ACA, Gouveia MTO, Torres CRD, Avelino FVSD, Robazzi MLC. Occupational risks and health problems of the nursing staff working in chemotherapy sectors. Rev Enferm UFPI. 2014 Oct/Dec; 3(4):50-6. DOI: [10.26694/reufpi.v3i4.2245](https://doi.org/10.26694/reufpi.v3i4.2245)

9. Paulino GME, Matta ACG, Camillo NRS, Simões AC, Nishiyama JAP, Oliveira JLC, *et al.* Professional Satisfaction And Work Environment Of The Nursing Team In Intensive Care Units. REME rev min enferm. 2019 Jan; 23:1-8. DOI: [10.5935/1415-2762.20190119](https://doi.org/10.5935/1415-2762.20190119)

10. Santos EC, Andrade RD, Lopes SGR, Valgas C. Prevalence of musculoskeletal pain in nursing professionals working in orthopedic setting. Rev Dor. 2017 Oct/Dec; 18(4):298-306. DOI: [10.5935/1806-0013.20170119](https://doi.org/10.5935/1806-0013.20170119)

11. Cargnin ZA, Schneider G, Vargas MAO, Machado RR. Non-specific low back pain and its relation to the nursing work process. Rev Latino-Am Enfermagem. 2019 Oct; 27:e3172. DOI: [10.1590/1518-8345.2915.3172](https://doi.org/10.1590/1518-8345.2915.3172)

12. Skela-Savi CB, Pesjak K, Hvalic-Touzery S. Low back pain among nurses in slovenian hospitals: cross-sectional study. *Int Nurs Rev.* 2017 Apr; 64(4):544-51. DOI: [10.1111/inr.12376](https://doi.org/10.1111/inr.12376)

13. Júnior Maciel EG, Trombini-Souza F, Maduro PA, Mesquita FOS, Silva TFA. Self-reported musculoskeletal disorders by the nursing team in a university hospital. Br JP. 2019 Apr/June; 2(2):155-8. DOI: [10.5935/2595-0118.20190028](https://doi.org/10.5935/2595-0118.20190028)

14. Freitas AR, Carneseca EC, Paiva CE, Paiva BS. Impact of a physical activity program on the anxiety, depression, occupational stress and burnout syndrome of nursing professionals. Rev Latino-Am Enfermagem. 2014 Mar/Apr; 22(2):332-6. DOI: [10.1590/0104-1169.3307.2420](https://doi.org/10.1590/0104-1169.3307.2420).

15. Fernandes MA, Soares LMD, Silva JS. Work-related mental disorders among nursing professionals: a Brazilian integrative review. Rev Bras Med Trab. 2018 Feb/May; 16(2):218-24. DOI: [10.5327/Z1679443520180228](https://doi.org/10.5327/Z1679443520180228)

16. Perry L, Lamont S, Brunero S, Gallangher R, Duffield C. The mental health of nurses in acute teaching hospital settings: a cross-sectional survey. BMC Nurs. 2015 Mar; 14:15. DOI: [10.1186/s12912-015-0068-8](https://doi.org/10.1186/s12912-015-0068-8)

Correspondência

Vitória de Barros Siqueira

E-mail: vitória.barros@univasf.edu.br

Submissão: 09/02/2019

Aceito: 19/03/2020

Copyright© 2020 Revista de Enfermagem UFPE on line/REUOL.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a qual permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.